O LIVRO DOS MORTOS

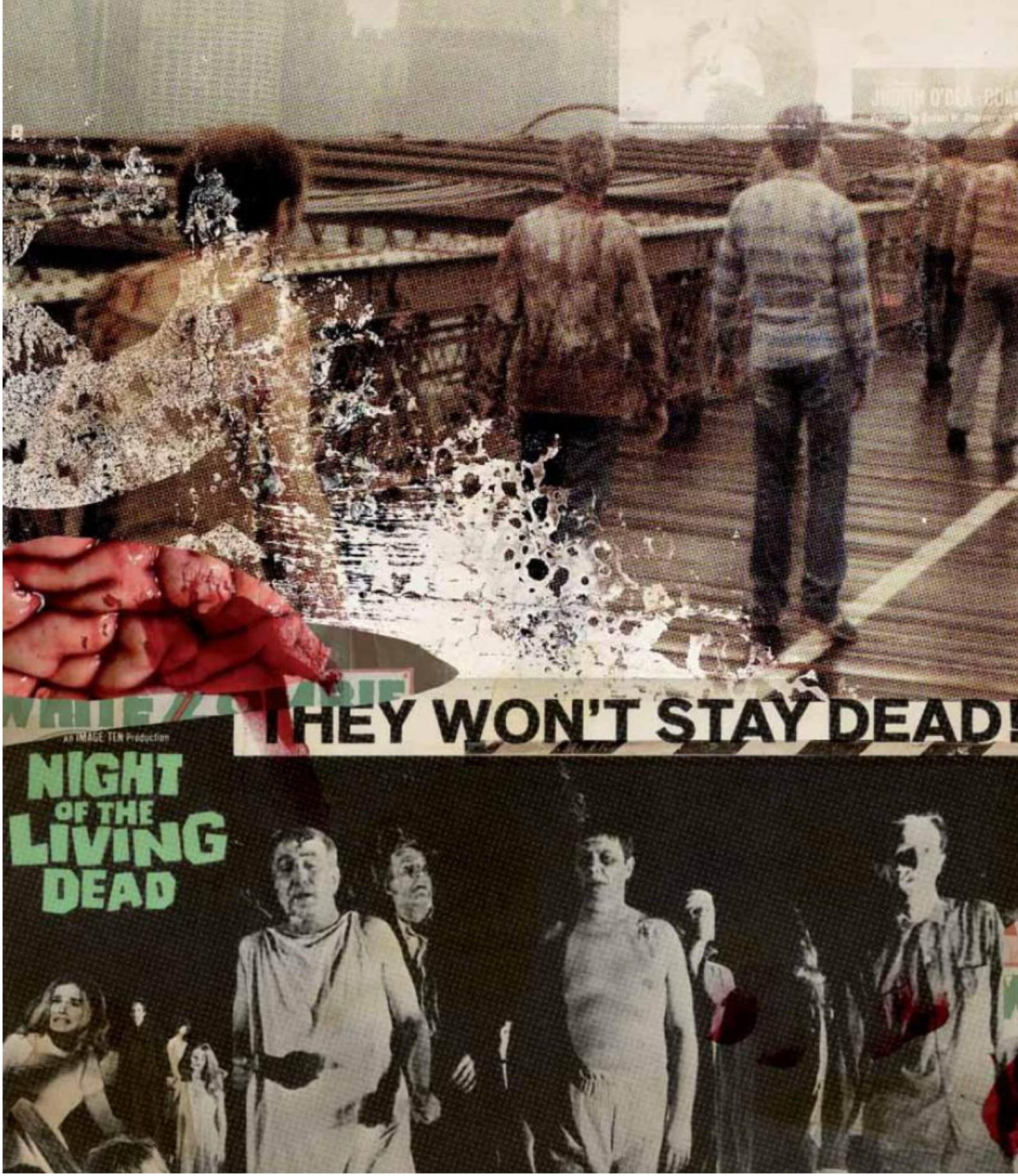
JAMIE RUSSELL//.00

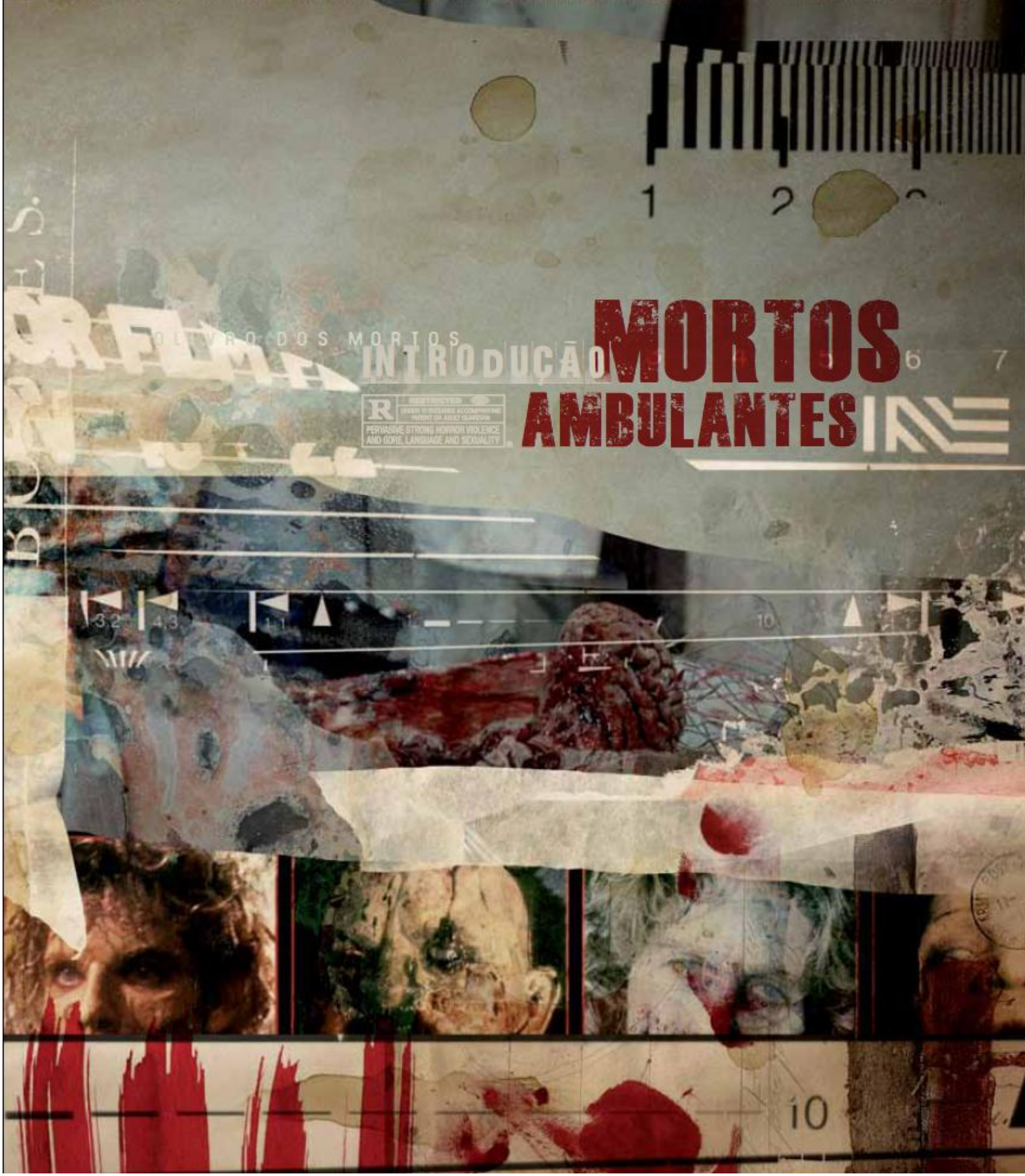
R RESTRICTED UNDER 17 REQUIRES ACCOMPANYING PARENT OR ADULT GUARDIAN
PERVASIVE STRONG HORROR VIOLENCE AND GORE, LANGUAGE AND SEXUALITY

O LIVRO DOS MORTOS

STARRING

PG


THEY WON'T STAY DEAD!
An IMAGE TEN Production
NIGHT OF THE LIVING DEAD


LIVRO DOS MORTOS
INTRODUÇÃO
MORTOS
AMBULANTES
R
PERVASIVE STRONG HORROR VIOLENCE
AND GORE, LANGUAGE AND SEXUALITY

INTRODUÇÃO//. MORTOS AMBULANTES

Em sua extensa pesquisa sobre o fascínio ocidental pelo terror, James B. Twitchell mostra-se estranhamente indiferente quanto aos mortos-vivos:

> O mito do zumbi parece ter defeitos, por conta de sua falta de complexidade. O zumbi é na verdade uma múmia em roupas casuais, sem vida amorosa e com grande apetite. Ambos são autômatos; nada habilidosos nem heroicos. Eles apenas zanzam por aí (Karloff chamava isso de "meus passinhos"), arrastando os pés como colegiais sem acompanhante antes do baile. Diferentemente do vampiro, que é engenhoso, circunspecto e erótico, seus primos são lesmas sub-humanas [...]
> O zumbi é um cretino absoluto, um vampiro lobotomizado, e é isso que tende a levar [todos os filmes posteriores a *A Morta-Viva* (*I Walked With a Zombie*, 1943)] a ser pouco mais que veículos de violência explícita, cheios de gente (geralmente homens) se cutucando e ocasionalmente se alimentando uns dos outros. O zumbi é tão raso [...] que até Abbott e Costello recusaram-se a encontrá-lo.[1]

1 James B. Twitchell, *Dreadful Pleasures: An Anatomy of Modern Horror* (Oxford e Nova York: Oxford University Press, 1985), pp. 261 e 266.

Poucos monstros de filmes de terror são tão malvistos quanto o zumbi. Enquanto vampiros, lobisomens e até assassinos seriais demandam respeito, o zumbi nunca é visto como algo mais que um bufão que se arrasta às margens do cinema de terror, apodrecendo e fazendo sujeira. Não há aristocratas, sangue azul ou celebridades entre os zumbis, nenhuma grande estrela nem rosto conhecido, só monstros pobretões, anônimos, que geralmente não sabem falar, mal conseguem caminhar e usam a maior parte de sua energia para impedir que seus corpos em decomposição desabem.

Zumbis são a massa plebeia do cinema de terror, criaturas sem alma que perambulam sem personalidade nem propósito – uma paródia grotesca do fim que aguarda a todos nós. Apesar de toda a falta de finesse e estilo, os mortos-vivos têm sido uma presença constante nos filmes de terror desde os anos 1930, com uma filmografia que inclui muitos títulos aclamados pela crítica e pelo público: *Zumbi Branco* (*White Zombie*, 1932), *A Morta-Viva* (*I Walked With a Zombie*, 1943), *Vampiros de Almas* (*Invasion of the Body Snatchers*, 1956), *A Noite dos Mortos-vivos* (*Night of the Living Dead*, 1968), *Despertar dos Mortos* (*Dawn of the Dead*, 1978), *Terror nas Trevas* (*L'aldilà*, 1981), *Pelo Amor e Pela Morte* (*Dellamorte Dellamore*, 1993), *Extermínio* (*28 Days Later*, 2002) e *Todo Mundo Quase Morto* (*Shaun of the Dead*, 2004).

Então por que os zumbis nunca foram levados a sério? Em parte, isso se deve ao fato de os mortos-vivos não terem uma herança literária. Drácula, o monstro de Frankenstein, Dr. Jekyll e Sr. Hyde e até o Lobisomem podem vangloriar-se de uma linhagem que vai até a ficção gótica, o folclore europeu e lendas antigas. Do outro lado, o zumbi é o mais moderno dos monstros, um intrometido do século XX cuja primeira aparição para valer no mundo anglo-saxônico remonta à publicação de *A Ilha da Magia* (*The Magic Island*), o estudo divisor de águas sobre o Haiti, escrito por William Seabrook em 1929.

Sem o poder da história de apoio, o zumbi tornou-se uma figura desamparada, vista pela maioria dos fãs de cinema como um vilão de segunda categoria, sem a legitimidade instantânea – ou celebridade – de conde Drácula ou do monstro de Frankenstein. Não é por acaso, portanto, que os zumbis nunca estamparam a capa da revista *Empire*, raramente são vistos no Oscar e não são convidados para *talk shows*. Boris Karloff pode ter ficado famoso por seus autoproclamados "passinhos" como o monstro de Frankenstein, mas ninguém ficou famoso por interpretar um morto-vivo. Nem Bela Lugosi, ator conhecido por não ser muito cuidadoso com a escolha dos papéis, que sempre interpretava o mestre zumbi e nunca um dos cadáveres ambulantes.

Dado o *status* rebaixado das estrelas monstruosas, não é surpresa que o filme de zumbi continue culturalmente à margem. Rejeitado pela academia – estudos sobre filmes de terror geralmente preferem discutir vampiros, lobisomens e até assassinos seriais antes dos mortos-vivos – os filmes sobre esses personagens ficaram relegados ao cemitério da cultura popular, e o zumbi em si tornou-se *persona non grata* para todo mundo, com exceção dos fãs de terror que gostam de filmes malpassados.

O que sempre incomodou críticos e público tradicionais em relação ao zumbi é sua presença frequente em filmes péssimos. Não há como ignorar o fato de que o zumbi, mais do que qualquer outra estrela do terror, tem um péssimo histórico em termos de controle de qualidade. Seja estrelando lixo do Poverty Row, imitações baratas italianas ou videozinhos sensacionalistas de fundo de quintal, os mortos-vivos sempre são vistos vagando por filmes pobres em estrelas, ruins de grana e geralmente feito às pressas no equivalente cinematográfico de um casamento relâmpago.

Porém, mesmo que todas essas aventuras fiquem muito abaixo do alto padrão mainstream hollywoodiano, não quer dizer que não mereçam consideração. Aliás, geralmente é a própria marginalidade desses filmes de zumbi que os torna tão fascinantes. O objetivo deste livro é mapear a história do zumbi no Ocidente e, particularmente, seu desenvolvimento como ícone do filme de terror. Até agora, quase todos os livros escritos sobre o cinema morto-vivo foram filmografias panorâmicas. Espero mostrar as transformações históricas e culturais que tiraram o zumbi da África e o levaram às indústrias de cinema de terror da América e da Europa, passando pelo Caribe.[2] Por que o zumbi ganhou a atenção do público norte-americano somente no fim dos anos 1920? Por que tornou-se uma presença tão constante nas telas desde então? E o que nosso fascínio – e frequente ódio – pelos zumbis diz sobre nós mesmos?

Os monstros que dominam qualquer cultura ou período particular oferecem um vislumbre pouco usual dos medos e tensões que caracterizam o momento histórico. Como a teórica do terror Judith Halberstam defende, "monstros são máquinas de significados" cuja existência nos dá um vislumbre das inquietações na cultura que os produziu.[3] Afinal de contas, o próprio termo "monstro" tem raízes etimológicas no termo latino *monstrare*, que significa "mostrar, apresentar, de*monstrar*".[4]

Sendo um acréscimo tão recente ao panteão de bichos-papão do mundo ocidental, o zumbi é um monstro cuja significância cultural não é resguardada por séculos de popularidade. Ao entrar na cultura popular

2 Devido a questões de acesso, não pude fazer referência ao grande número de filmes africanos com zumbis. Os mortos-vivos fazem aparições frequentes nos mercados de vídeo doméstico de países como a Nigéria, mas conseguir esse material (geralmente gravado e distribuído de forma rápida, barata e com pouco registro de detalhes de produção) provou-se difícil. É importante reconhecer sua existência, porém, mesmo que apenas para destacar o foco norte-americano-europeu predominante neste livro. De forma similar, a vasta literatura a respeito dos mortos-vivos – dos quadrinhos da E.C. Comics aos livros *pulp* – e as centenas de curtas-metragens com zumbis vão além do escopo deste estudo.

3 Judith Halberstam, *Skin Shows: Gothic Horror and the Technology of Monsters* (Durham, NC: Duke University Press, 1995), p. 21.

4 Ken Gelder, "Introduction to Part Three," *in* Gelder, K. (ed.), *The Horror Reader* (Londres e Nova York: Routledge, 2000), p. 81.

norte-americana – e então europeia – no final dos anos 1920, no ápice do interesse geopolítico dos Estados Unidos pelo Haiti, o zumbi foi apropriado pela cultura afro-caribenha para uma grande variedade de fins.

No fim das contas, o zumbi é um símbolo da inquietação mais primitiva da humanidade: o medo da morte. Pleno da sensação mórbida das limitações e fragilidades do corpo, o mito do zumbi está intimamente ligado à relação turbulenta que temos com nosso próprio corpo. Isso é o suficiente para torná-lo significativamente diferente da lenda do vampiro e daquelas histórias dos mortos que retornam à vida como aparições fantasmagóricas ou demônios, o motivo pelo qual filmes sobre os "ressuscitados" – tais como *A Cidade dos Mortos* (*City of the Dead* ou *Horror Hotel*, 1960) e *Gli Orrori dei Castello di Norimberga* (1972) – não se encontram na filmografia deste livro. Para simplificar, o zumbi é um cadáver reanimado por algum tipo de magia, ou ciência maluca, que volta à "vida" sem recobrar nada de sua antiga personalidade.

Nas diversas maneiras como foi utilizado na cultura popular ocidental, contudo, o zumbi foi gradualmente passando por transformações. Veio a significar algo muito mais complexo que o mero medo da morte. Nascido em meio a uma grande variedade de tensões culturais – do imperialismo norte-americano aos conflitos raciais no país, dos temores de desemprego na Depressão à paranoia de lavagens cerebrais da Guerra Fria, do ataque aos direitos civis e políticos pós-1960 ao terror corpóreo da era da aids – o zumbi tornou-se, como veremos, um potente símbolo do apocalipse. É um monstro cuja aparição sempre ameaça desafiar a fé da humanidade num universo ordenado.

Sempre em cima do muro ocidental de antagonismos preto/branco, civilizado/selvagem, vida/morte, o zumbi é um arauto da perdição. Sua mera existência evidencia a possibilidade de um mundo que não se esgota nos limites da compreensão humana, um mundo onde esses opostos binários não são mais fixos. Passando por cima de nossas mais queridas e fundamentadas certezas, o zumbi é, acima de tudo, um símbolo de nosso universo ordenado virado de cabeça para baixo, quando a morte torna-se vida e a vida torna-se morte. Nos capítulos a seguir, este livro espera explicar o apelo de tal ocorrência catastrófica, situando o desenvolvimento do zumbi em seu contexto sociocultural, na tentativa de entender por que, depois de tantos anos, ainda somos tão fascinados pelos mortos ambulantes.

> "Os vizinhos": **A Noite dos Mortos-Vivos** >> > >